



NOVOS MEIOS PARA LEITURA DO TEXTO BÍBLICO: UMA ANÁLISE DO FACEBOOK COMO AMBIENTE DE INTERAÇÃO HIPERTEXTUAL

SOUZA, Carlos Henrique Medeiros

Professor do Programa de Cognição e Linguagem-UENF
chmsouza@gmail.com

MÜLLER, Paula Alice Dodó

Estudante de mestrado do Programa de Cognição e Linguagem-UENF
paulatombos@hotmail.com

MOREIRA, Raquel Veggi

Estudante de mestrado do Programa de Cognição e Linguagem-UENF
rveggi@yahoo.com.br

743

RESUMO

O presente trabalho analisou o ambiente do Facebook buscando compreendê-lo como uma ferramenta de interação hipertextual para leitura bíblica. Indagando-se de que forma ocorre a interação para leitura bíblica nesse novo ambiente – o Facebook –, sob a hipótese da hipertextualidade. Utilizou-se como *corpus* o perfil Bíblia Fácil – da Igreja Adventista. Assim, percorreram-se definições fundamentais para considerar o Facebook como ambiente, fazendo-se ponderações a respeito de termos como virtualização, hipertexto, entre outros. Nesse contexto, objetivou-se contribuir para o desenvolvimento de novas possibilidades que agucem e facilitem o processo de leitura do texto bíblico, deixando-o mais atrativo. Tendo como principais bases teóricas Pierre Lévy, Gilles Deleuze e Félix Guattari.

Palavras-chave: Facebook. Hipertextualidade. Bíblia

ABSTRACT

This study examined the environment of Facebook trying to comprehend it as a tool for Bible reading hypertext interaction. Facebook - - under the hypothesis of hypertextuality asking yourself how the interaction for Bible reading in this new environment occurs. Was used as the corpus Bible Easy profile - Adventist Church. Thus, fundamental definitions to consider Facebook as environment, making it weights about terms such as virtualization, hypertext, among others walked up. In this context, the aim of contributing to the development of new opportunities that hone and facilitate the process of reading the biblical text, making it more attractive. The principal theoretical basis Pierre Lévy, Gilles Deleuze and Félix Guattari.

Key-words: Facebook. Hypertextuality. Bible.



CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Os jovens de hoje permanecem grande parte do tempo *linkados*. Frequentam espaços de *chat*, recorrem ao correio eletrônico e manejam diferentes programas de navegação na rede com bastante habilidade, tendo como um dos atrativos principais, as redes sociais digitais, em destaque, o Facebook.

Dentro deste contexto, os missionários sempre utilizando de todos os meios a fim de divulgar sua crença, evangelizar, encontraram no Facebook um local fértil para propagar as boas novas de Cristo, devido à sua atratividade e alto poder de alcance.

Desta forma, esse artigo se propõe analisar como ocorre a interação para leitura bíblia nesse novo ambiente – o Facebook –, sob a hipótese da hipertextualidade. A análise será feita utilizando-se como *corpus* o perfil Bíblia Fácil – da Igreja Adventista.

Para fundamentar a discussão, percorrem-se conceitos principais sobre Ciber e Redes Sociais Digitais; virtualização tecendo ligações do Facebook como ambiente; hipertexto, para analisar a interação no ambiente digital em destaque com suporte teórico para fundamentar a abordagem.

Compreender o entendimento de que a sociedade está em constante evolução e as análises dessas mudanças, desde as mais singelas até as aprofundadas, contribuem de certa forma para impulsionar e/ou tentar explicar essas transformações, logo, ampliando novas possibilidades que agucem e facilitem o processo de leitura do texto bíblico, deixando-o mais atrativo.

Assim, lança-se a possibilidade de entender melhor também o novo leitor/cristão do Ciberespaço neste ambiente de interação hipertextual, abordando e refletindo por meio de bibliografia conceitos principais sobre ciber e redes sociais digitais, tecendo ligações do espaço virtual como ambiente; hipertexto, para analisar a interação no ambiente do Facebook.

CIBER E REDES SOCIAIS DIGITAIS: UMA BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO

Observamos e presenciamos a cada dia que passa transformações inimagináveis em todos os campos em que vivemos, sejam: políticas, sociais, culturais, sociais ou tecnológicas. Somos constantemente atingidos por uma avalanche de informações.



Em evolução constante, influenciada sob o prisma tecnológico, dentre todas as transformações, destaca-se a cultural. Esta é a área que mais evolui na sociedade contemporânea, influenciando, por conseguinte, a ciência, a arte, a literatura, a música, o cinema, o comércio, os costumes etc. Estamos imersos numa cibercultura, a cultura virtual. Segundo MATTOS (2012, p.183) cibercultura “(...) representa o conjunto de costumes, conhecimentos, efeitos e impacto do avanço tecnológico em nossa vida cotidiana, do pessoal ao profissional”.

Pierre Lévy (2000, p.193) assim definirá cibercultura:

A cibercultura é a expressão da aspiração de construção de um laço social, que não seria fundado nem sobre links territoriais, nem sobre relações institucionais, nem sobre as relações de poder, mas sobre a reunião em torno de centros de interesses comuns, sobre o jogo, sobre o compartilhamento do saber, sobre a aprendizagem cooperativa, sobre processos abertos de colaboração.

Assim, pode-se dizer que cibercultura é: novas possibilidades de experimentar o saber, uma nova forma de se relacionar e de se comunicar, uma maneira dinâmica, criativa e de alto alcance para anunciar-comunicar a Boa Nova.

Todo contexto cultural influencia o ser humano, condicionando a sua forma de ser, pensar e agir. Influencia, também, a fé e a vivência da religiosidade.

Segundo Rangel (2011, p.09):

A cultura cristã pode e deve adaptar-se à cibercultura (interculturalizar-se), se deseja que a fé cristã seja verdadeiramente conhecida e acolhida por qualquer integrante desta nova cultura. Assim como os apóstolos o fizeram para comunicar a Boa Nova para todo o ocidente na Igreja nascente.

Mediando esta comunicação entre o real e o virtual, está o ciberespaço. O ciberespaço esse termo foi criado pelo escritor de ficção científica Willian Gibson no livro *Neuromancer* em 1984.

Lévy (1999, p.92) define-o como “(...) o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores”.

A rede experimental, ARPANET, segundo Bolsoni (2007) foi o início dessa evolução tecnológica conhecida hoje como WEB 2.0. Contribuição do cientista Tim Berners-Lee, que em 1989 propôs o WWW - *World Wide Web*, um sistema que interligava centros de pesquisa científica e universidades.



Em 1992, Marc Andreessen lança o navegador *Mosaic*, primeiro browser pré-Netscape. O rápido crescimento do WWW não parou desde a formação da rede NSFNET (National Science Foundation Network). No Brasil, a internet chegou na década de 80 e era restrita ao uso de militares e acadêmicos.

Um dos princípios básicos que sustentam o crescimento do ciberespaço destaca-se a comunidade virtual. Uma comunidade virtual “(...)é construída sobre afinidades de interesses, de conhecimentos, sobre projetos mútuos, em um processo de cooperação ou troca, tudo isso independentemente das proximidades geográficas e das filiações institucionais” (LÉVY, 1999, p.127). À primeira vista, as relações on-line parecem frias, impessoais; mas isso não procede. As comunidades virtuais, pelo contrário, são uma expressão de como é possível criar laços virtuais frutíferos e de proximidade.

Assim, acredita-se que um dos resultados mais importantes desta tecnologia foi a integração virtual, através das redes digitais. Bolsoni (apud Danah Boyd e Nicole Ellison, 2007) relata que os “(...) seres humanos procuram interagir, e o advento da internet acabou por conduzir a sociedade ao relacionamento no ciberespaço por meio das redes digitais sociais”.

Sites de redes sociais surgiram em 1997, e é um fenômeno mundial que atraem milhares de novos usuários todos os dias. De acordo com Bolsoni (2010, p.72) “(...) o início das redes sociais digitais com a Sixdegrees”, primeira rede social que permitiu a criação de um perfil virtual, bem como a publicação e listagem de contatos. O nome Sixdegrees faz referência aos seis graus de amizade, um conhecido conceito que fala que a cada 6 pessoas que conhecemos, temos um amigo em comum. Para Bolsoni (apud Boyd e Ellison, 2007), “Esse primeiro site possibilitou aos seus utilizadores fazerem pesquisa em lista de amigos dos amigos, criarem perfis pessoais e ao mesmo tempo visitarem os perfis de amigos”.

Possibilitando que seus usuários, internautas se comuniquem, interajam, colaborem, expressem suas ideias, suas opiniões, criem discussões dos mais variados temas.

O propósito da rede social era exatamente de ampliar a rede de contatos, através das amizades que os usuários possuíam. Após esse modelo de rede social, várias outras semelhantes foram criadas. Dando destaque ao Facebook que atualmente lidera o ranking de redes sociais no Brasil.

O Facebook foi lançado em 4 de fevereiro de 2004 e hoje é dos sistemas com maior base de usuários no mundo (RECUERO, 2009, p.172). A ideia dos jovens criadores era criar um *website* de relacionamento onde a experiência social dos colegas universitários acontecesse



online. Compartilhar fotos, dizer o que achou da última festa, convidar alguém para sair, ter um espaço virtual para interagir com os amigos, conhecer novas pessoas. Este era basicamente o Facebook. Na página oficial, a rede é apresentada como um espaço que "ajuda as pessoas a se comunicarem com mais eficiência aos seus amigos, familiares e colegas de trabalho".

Em 2006 com a abertura da rede social a todos os internautas o Facebook experimenta um período de expansão, duplicando o número de utilizadores registrados.

Rapidamente o Facebook virou febre em todo o mundo. Passou a receber investimentos bilionários, seu *layout* foi repaginado e novos aplicativos foram sendo incorporados à rede. Tornou-se uma grande empresa, atualmente sediada em Palo Alto, na Califórnia. Aos poucos, a página de relacionamentos tornou-se uma vitrine mundial, e a rede de amigos, um espaço que despertou o interesse de anunciantes.

Como é apresentado em seu site oficial, o Facebook hoje "é um pedaço da vida de milhões de pessoas que vivem em todas as partes do mundo".

Lévy (2005) nos diz que uma das grandes características do processo de virtualização que ocorre em diversos campos é o de desterritorializar o momento presente, de trazer uma unidade de tempo sem uma unidade de lugar. É nesse espaço, cujos membros são envolvidos numa complexa teia de informações compartilhadas, entre postagens de acontecimentos pessoais rotineiros, desabafos, exposição de fotos, e autopromoção é possível encontrar, mensagens bíblicas, versículos etc.

VIRTUALIZAÇÃO E O AMBIENTE DO FACEBOOK

Lévy (1996, p.16) define que o virtual é como complexo problemático, o nó de tendências ou de forças que acompanha uma situação, um acontecimento, um objeto ou uma entidade qualquer, e que chama um processo de resolução: a atualização.

Sendo assim, "o virtual não se opõe ao real, mas ao atual: virtualidade e atualidade são apenas duas maneiras de ser diferentes". E continua ponderando que "o real assemelha-se ao possível; em troca, o atual em nada se assemelha ao virtual: responde-lhe". Pode-se concluir que é um processo cíclico como afirma o teórico: "A atualização ia de um problema a uma solução. A virtualização passa de uma solução dada a um (outro) problema." (LÉVY, 1996, pp.15, 17, 18).



O teórico ressalta a diferença entre a realização (ocorrência de um estado pré-definido) e a atualização (invenção de uma solução exigida por um complexo problemático) e que o virtual é tomado como maneira de ser, mas a virtualização como dinâmica. Nesse recorte, chega-se ao entendimento de que a virtualização é um processo em que um acontecimento, um objeto ou uma entidade passa a estar em potencial, latente e será real, apesar de já existir, enquanto possibilidade, com a atualização – resolução do problema.

Lévy (1996, p.16) define que o virtual é como complexo problemático, o nó de tendências ou de forças que acompanha uma situação, um acontecimento, um objeto ou uma entidade qualquer, e que chama um processo de resolução: a atualização.

Sendo assim, “o virtual não se opõe ao real, mas ao atual: virtualidade e atualidade são apenas duas maneiras de ser diferentes”. E continua ponderando que “o real assemelha-se ao possível; em troca, o atual em nada se assemelha ao virtual: responde-lhe”. Pode-se concluir que é um processo cíclico como afirma o teórico: “A atualização ia de um problema a uma solução. A virtualização passa de uma solução dada a um (outro) problema.” (LÉVY, 1996, pp.15, 17, 18).

O teórico ressalta a diferença entre a realização (ocorrência de um estado pré-definido) e a atualização (invenção de uma solução exigida por um complexo problemático) e que o virtual é tomado como maneira de ser, mas a virtualização como dinâmica. Nesse recorte, chega-se ao entendimento de que a virtualização é um processo em que um acontecimento, um objeto ou uma entidade passa a estar em potencial, latente e será real, apesar de já existir, enquanto possibilidade, com a atualização – resolução do problema.

Segundo Pierre Lévy (1999, pp.53, 88) “o virtual não ‘substitui’ o ‘real’, ele multiplica as oportunidades para atualizá-lo”, é a releitura, a atualização de algo que existe concretamente. Por exemplo, quando se edita um texto fisicamente gravado no HD (*Hard Disk*) do computador, quem edita está sempre saindo do totalmente virtual para o físico para não perder as informações. E mesmo que não se tenha gravado o documento nessa memória virtual – HD – há a memória temporária, onde pode, com alguma sorte, ser recuperado o arquivo da inexistência concreta.

Assume-se que o concreto ainda é condição fundamental da existência e da própria virtualização. Virtual por virtual, a realidade é sempre uma virtualização do que está gravado em nossos cérebros. O mesmo acontece quando se está no Ciberespaço - há um suporte físico



que o sustenta, reforçando a concepção desse ambiente como espaço, lugar “real” (SOUZA e COSTA, 2006).

Segundo Lévy (1994) é possível compreender que embora a internet não esteja firmada em um espaço físico, o ambiente de rede nos remete a um lugar. Assim, para o autor, “o ciberespaço é o universo das redes digitais como lugar de encontros e aventuras, terreno de conflitos mundiais, nova fronteira econômica e cultural”.

Considerando esta questão no século XXI, o qual vem marcado com a presença e constante evolução das tecnologias, Souza (2006) doutor em Comunicação e Costa (2006), mestre em Cognição e Linguagem, afirmam que “o ambiente artificial produzido pelo homem também é ambiente. Como tal, influencia a configuração cultural da humanidade assim como o ambiente natural”. Assim, além do ciberespaço ser capaz de reproduzir uma cultura natural, também é apto à criação de uma cultura própria, genuinamente do espaço virtual.

Logo, o ciberespaço, ou espaço virtual é também espaço, guardando características de ambiente, no que se refere à sua capacidade de interferir na produção e reprodução da cultura. Sendo espaço, é também lugar. (SOUZA E COSTA, 2006).

E o que mais está presente nos dias de hoje no ciberespaço é a interação em tempo quase real, extremamente presente nas chamadas redes sociais digitais.

Neste propósito, Castells explica que “a formação de redes é uma prática muito antiga, mas as redes ganham vida nova em nosso tempo transformando-se em redes de informação energizadas pela Internet” (CASTELLS, 2003).

O HIPERTEXTO NO PERFIL BÍBLIA FÁCIL-OFICIAL

A terminologia hipertexto surge como definidora dos textos dispostos na *Web* que apresentam hiperlinks que, por sua vez, conduzem o leitor navegador a outras enunciações e assim sucessivamente por pontos de convergência que Lévy (2011) chama de *Nós* e que Deleuze e Guattari (2011) chamaram de *Rizomas* que se opõem às linhas de articulação e segmentaridade por serem linhas de fuga, movimentos de desterritorialização e desestratificação.

Assim ambiente do Facebook, caracterizado pela gratuidade, instantaneidade, mobilidade, multiplicidade e interatividade, apresenta-se oferecendo diferentes possibilidades à divulgação das boas novas, leitura bíblia, que começa a se apropriar de seus recursos, entre eles,



a utilização de som, imagem e texto no mesmo suporte, ganhando novas dimensões em relação à bíblia impressa. Outro importante recurso é o hipertexto, que funciona não como um suporte técnico da escrita, mas como uma prática de escrita, disseminada pela Grande Rede, que encontra nela o potencial necessário para sua utilização. A leitura bíblica digital é, pois, pautada no hipertexto.

O hipertexto se caracteriza por uma leitura não linear e sequencial, em que cada ponto ou nó pode ser conectado a qualquer outro, sendo o leitor responsável por selecionar, esquematizar, construir uma rede intertextual, mas não é uma inovação da digitalização.

Muitos recursos estilísticos - pé-de-página, legendas, capítulos, notas, índices - utilizados na bíblia impressa, já apontavam para uma leitura hipertextual. O que se apresenta como novidade é a rapidez com que é feito o emaranhado de textos. O processo de leitura, na hipertextualidade, considerada em seu sentido amplo, passa a ser representado por uma simbiose de múltiplas expressões: sons, imagens e recursos que a tornam sedutora e geradora de textos, que conduzem o leitor a construir diversos caminhos interpretativos. A Palavra digitalizada passa a representar esse tipo de leitura que revoluciona os métodos tradicionais. Nesse aspecto, o hipertexto digital trouxe modificações para a leitura no suporte tradicional. Com as diversas práticas de leitura hipertextuais, os leitores desenvolvem uma parceria profunda na hermenêutica com os autores diante dos textos lidos. Dessa forma, o ciclo da informação e da comunicação é dinamizado e enriquecido com essas novas práticas de leituras. Pierre Lévy (1999) considera que:

Em relação às técnicas anteriores de ajuda à leitura, a digitalização introduz uma pequena revolução copernicana: não é mais o navegador que segue os instrumentos de leitura e se desloca fisicamente no hipertexto, virando as páginas, deslocando volumes pesados, percorrendo a biblioteca. Agora é um texto móvel, caleidoscópico que apresenta suas facetas, gira, dobra-se e desdobra-se à vontade frente ao leitor. (LÉVY, 1999, p. 56)

Neste contexto, o *Facebook*, cujos membros são envolvidos numa complexa teia de informações compartilhadas. Entre postagens de acontecimentos pessoais rotineiros, desabafos, exposição de fotos, e autopromoção é possível encontrar, em páginas de pastores, membros de igrejas divulgando sua fé, seja através de mensagens bíblicas, vídeos, entre outros.

A Bíblia Fácil exhibe na sua página do *Facebook* diferentes postagens contendo uma série de vídeos de pregações, mensagens bíblicas e versículos. Neles podemos observar possibilidades dos usuários acessarem diferentes informações através de *links*, tendo assim,



acesso a diferentes ângulos e percepções sobre um mesmo assunto. Pode-se enveredar por caminhos diversos.



751

Ilustração 1: Facebook – Postagens de versículos bíblicos Bíblia Fácil



Ilustração 2: Site novotempo.com/bibliafacil



Ilustração 3: Site bíblia.com.br

Os *links* deixados pelo perfil Bíblia Fácil (Ilustração 1), fazem com que seus leitores, com uma grande velocidade, percorram novos caminhos, saltando do Facebook, por exemplo, para o *site* novotempo.com/bíbliafacil (Ilustração 2). Os *links*, por sua vez, prosseguem no *site* sugerindo novas leituras (Ilustração 3), compondo um emaranhado de novos textos, com características híbridas.

Gilles Deleuze e Félix Guattari, no livro *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia* (1995), conceituam o “livro-raiz” como aquele que envolve uma “lógica binária”, que não compreende a multiplicidade, cujo modelo é o livro clássico (DELEUZE, GUATTARI, 1995, p. 13). Em oposição, apresentam como modelo ideal o “livro-rizoma”.

De acordo com estes teóricos: “diferentemente das árvores ou de suas raízes, o rizoma conecta um ponto qualquer com outro ponto qualquer e cada um de seus traços não remete necessariamente a traços de mesma natureza” (DELEUZE, GUATTARI, 1995, p. 32). Assim:

Ele não tem começo nem fim, mas sempre um meio pelo qual ele cresce e transborda. Ele constitui multiplicidades lineares a *n* dimensões, sem sujeito nem objeto, exibíveis num plano de consistência e do qual o Uno é sempre subtraído. (DELEUZE, GUATTARI, 1995, p. 32).



O rizoma de Deleuze e Guattari pode ser associado então, ao modelo dos hipertextos digitais, constituindo um texto múltiplo, sem centro discursivo, sem margens, produzido por um ou vários autores e, como texto eletrônico, está sempre sendo construído, desmontado, conectado, modificado.

As possibilidades de comunicação facilitadas pelo hipertexto digital ampliam as dimensões de leitura dos textos. Através do espaço da Internet, novas formas de leitura assumem características específicas que subvertem à sucessividade tradicional dos suportes de leituras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo permitiu verificar que o trabalho com uma multiplicidade de recursos (imagens, sons, palavras, ambientes virtuais diversos) produz simultaneamente um estranhamento e um encantamento às pessoas diante das facilidades de leituras diversas que o ambiente digital apresenta.

O leitor-navegador é o responsável, nos espaços em que navega, pela construção de sentidos de um texto. Esse procedimento metodológico e cognitivo propicia ao leitor uma ruptura com a ordem lógica e hierarquizada da leitura da Bíblia, objeto de estudo do presente trabalho. Ler, nesse aspecto, torna-se um ato fruído e prazeroso.

Mesmo reconhecendo que a leitura no suporte impresso oferece também outros tipos de hipertextos, como por exemplo, a não-linearidade através das interconexões aludidas no corpo textual, podemos constatar que é o hipertexto como demonstrado no ambiente do Facebook essas possibilidades são ampliadas, deixando o texto mais atrativo.

REFERÊNCIAS

AVELLAR, Valter Luís. *Espiritualidade e Internet: Análise de uma experiência mística através do correio eletrônico*. Universidade Católica de Pernambuco. Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião. 2009.

BABO, Maria Augusta Babo. *O hipertexto como nova forma de escrita*. In: SÜSSEKIND, Flora (org.). *Historiografia literária e as técnicas da escrita: do manuscrito ao hipertexto*. Rio de Janeiro: Vieira e Lent, 2004.



BERGER, Peter Ludwig. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Ed. Paulinas. 1985.

BOLSONI, Evandro Paulo. *Sociabilidade em Redes Digitais Sociais Segmentadas: A reconstrução da identidade virtual digital*. Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro. Dissertação de Mestrado em Cognição e Linguagem. 2010.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. v.1. 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001. in *A era da informação: Economia, sociedade e cultura*.

_____. *O Poder da Identidade*. v.2. 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001. in *A era da informação: Economia, sociedade e cultura*.

CLÉMENT, Jean. Do livro ao texto: as implicações intelectuais da edição eletrônica. In: SÜSSEKIND, Flora (org.). *Historiografia literária e as técnicas da escrita: do manuscrito ao hipertexto*. Rio de Janeiro: Vieira e Lent, 2004.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol.1. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

JUNGBLUT, Airton Luiz. *Nos chats do Senhor: um estudo antropológico sobre a presença evangélica no ciberespaço brasileiro*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFRGS, Porto Alegre. 2010.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.

_____. *O Que é o Virtual?*. Tradução de Paulo Neves. 7. ed. São Paulo: Editora 34, 2005.

MARTINS, Analice. *Modos de produção e circulação na WEB: Algumas notícias da atual literatura brasileira*. *Revista Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro. out. - dez. – nº 179, p.93-105, 2009.

MATTOS, M.C; SOUZA, C.H.M; MANHÃES, F.C. *A Dromocracia Cibercultural nas Redes Sociais Digitais*. *Revista Científica Internacional*. ISSN: 1679-9844. Edição 21, volume 1, artigo nº 10, Abril/Junho 2012.

NOVAES, R. *Juventude, percepções e comportamentos: a religião faz a diferença*. In: ABRAMO, Helena. Wendel; BRANCO, Pedro Paulo. (Orgs.) *Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005.

RANGEL, Alexandre Magalhães. *Cibercultura e Evangelização – sobre a ação pastoral no ciberespaço*. Rio de Janeiro, 2010, 36p. Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

RECUERO, Raquel. *Redes Sociais na Internet*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

TELLES, André. *Geração Digital*. Editora Landscape, São Paulo, Brasil, 2009.



TEPEDINO, Ana Maria. *Encontro com a Igreja de Jesus Cristo (Eclesiologia)*, Coleção Iniciação Teológica, Departamento de Teologia da PUC-Rio, RJ, 2006.